

eq
Quarterly

vol.IV - nº3 | Outubro 2013

olhar para as árvores
looking at trees

José Reis

3 editorial

4 sobre este projecto_*about this project*

5 ... depois de nós as árvores.

7 olhar para as árvores_*looking at trees*

27 o fotógrafo_*the photographer*

30 ficha técnica_*credits*

eq
Quarterly

editorial

Depois de Jardins Japoneses - que apresentámos em Março e Abril de 2012 - a Equivalentes | Casa da Fotografia volta a expor um conjunto de fotografias de José Reis. Olhar para as Árvores reúne um conjunto de vinte e cinco fotografias a preto e branco, realizadas entre 2002 e 2013, através dos EUA, e também no Canadá, Japão e Espanha. Uma vez mais José Reis volta a nossa atenção para a sua diáspora pessoal, de visões e sentidos, de dúvidas e interrogações, lançadas pelo caminho de inúmeras e longínquas viagens, de uma visão própria e quase íntima de espaços, territórios e, finalmente, árvores.

Olhar Para As Árvores

Quando estudava fotografia em Inglaterra, identificava-me com a fotografia documental/fotojornalismo. Ao contrário de outros colegas, não me interessava por imagens de paisagens nem perdia tempo a olhar para as árvores.

Preferia apontar a minha máquina fotográfica para as pessoas e documentar as suas vidas. A Grã-Bretanha atravessava então uma enorme crise habitacional, bem visível em vastas zonas da cidade onde vivia. Ainda enquanto estudante, elegi documentar as condições de vida dos desprivilegiados e iniciei a minha carreira de fotojornalismo com exposições socialmente empenhadas no Birmingham Post Building, em 1971, e na The Photographers' Gallery, em Londres, em 1973.

Na maioria dos meus trabalhos nos anos 70 e 80, ignorei as árvores e continuei a fotografar pessoas, de perto, com objectivas grande angular. Depois, nos anos 90, deu-se uma transformação: envelheci e mudei de profissão. Então, a maioria das minhas fotografias deixou de ser feita com essas objectivas. Ao aumentar a distância focal, fui-me distanciando das pessoas. Gradualmente, a minha atenção nas pessoas foi diminuindo. Foram-se transformando em figuras distantes dentro dos meus enquadramentos.

Em 1985, enquanto trabalhava em projectos sobre a gente da Papua Nova Guiné, comecei também a fotografar florestas e árvores.

Em 1991, passei a viver no Pacífico Noroeste dos Estados Unidos, nas margens do Lago Barnes, rodeado de árvores enormes. Os meus olhos abriram-se e a minha mente também. Olhar para as árvores, enquanto passeava à volta daquele pequeno lago, tornou-se numa fonte de prazer e não numa perda de tempo.

Gosto de olhar para as fotografias nesta curta série “Olhar para as árvores”.

Espero que também vos agradem.

Looking At Trees

When I was studying photography in England, I identified with the documentary/photojournalism faction. In contrast to other student factions, we had little interest for landscape images and wasted no time looking at trees.

I preferred to point my camera at people and document their lives. Britain was going through a tremendous housing crisis, all too visible in large areas of the city where I lived. I chose to document the living conditions of the underprivileged with whom I empathized. While still a student, I started my career in photojournalism with socially concerned exhibitions at the Birmingham Post Building, in 1971, and The Photographers' Gallery in London, in 1973.

In the 70s and 80s, while working on assignments, I was largely oblivious to trees and continued to close in on people with my wide-angle lens. Then, a change occurred in the 90s. It related both to ageing and a career change. Most of my photographs ceased to be wide-angle shots. As the focal distance increased, so did my distance from people. Gradually, the focus on people waned too. Humans became distant figures in my frames. In 1985, alongside my assignments about the people of Papua New Guinea, I started to photograph trees, forests and bushes too.

In 1991, I found myself living in the Pacific Northwest, on the edge of Barnes Lake, surrounded by giant trees. My eyes opened, and my mind too. Looking at trees, while walking around that small lake, became a source of pleasure; not a waste of my time.

It gives me pleasure to look at the photographs in this short series on Looking At Trees.

I hope that you enjoy them too.

José Reis

... depois de nós, as árvores.

I frequently tramped eight or ten miles through the deepest snow to keep an appointment with a beech-tree, or a yellow birch, or an old acquaintance among the pines.

Henry David Thoreau, Walden, 1854

Olhar para as árvores, reúne um conjunto de fotografias de José Reis feitas ao longo de um arco temporal que atravessa os últimos onze anos e uma geografia que nos leva pela ásia, pela europa (de onde saiu) e pela américa (onde vive). A este nomadismo do olhar, José Reis contrapõe como tema o que por definição se enraíza no lugar: a árvore.

Comum a quase todas as civilizações, a árvore está presente em muitos dos mitos fundadores de diversas culturas. Objecto de adoração, receptáculo de divindades e espíritos, a árvore materializa a presença das forças invisíveis que animam o mundo. Elemento de ligação entre a terra e o céu, em construções conceptualmente mais elaboradas transformou-se em árvore da vida, metáfora da evolução, do devir e em árvore do bem e do mal, inicialmente frutos do mesmo tronco, separados após a transgressão primeira que levou à queda do homem e à consequente expulsão do paraíso terrestre. Passado, presente e futuro encontram-se igualmente na árvore, agora genealógica, representação de uma linhagem (que será estendida a diversos ramos da ciência) e fio condutor do indivíduo na linha do tempo que virá a ter o seu equivalente fotográfico no álbum de família. A metáfora tomou conta da linguagem e estendeu-se igualmente aos sistemas sociais e à política.

Noutra dimensão, enquanto fonte de matéria-prima, a árvore teve importância capital no desenvolvimento da nossa civilização. Para além do óbvio fornecimento de alimentação, dada a sua abundância e propriedades, a madeira dos seus troncos foi (é) um material fundamental, juntamente com os metais, para a construção e desenvolvimento de todo o tipo de

Instrumentos, dos mais simples aos mais complexos, abrigos, embarcações (cuja utilização teve as consequências que conhecemos nas trocas comerciais, descobertas e expedições marítimas) e foi utilizada como combustível garantindo a sobrevivência e evolução da espécie ao providenciar, entre outros, calor e conforto, defesa contra predadores, alteração dos padrões alimentares e a possibilidade de transformação de outros materiais através do fogo. Se lhe juntarmos os seus derivados, constitui-se uma interminável lista de potenciais aplicações que tem acompanhado a nossa história colectiva. É deste poder de transformação da árvore que Carlos de Oliveira nos fala em *Micropaisagem* (1968): No poema,/ se a árvore/ foi dispersa/ em pranchas de soalho,/ em móveis e baús/ que fecham/ para sempre/ coisas/ tão esquecidas,/ como podem/ romper/ de súbito impetuosas/ na aridez/ do livro/ e neste fechamento podemos encontrar ressonâncias de uma das dimensões da fotografia: a memória.

Nas artes, depois da pintura parietal, a madeira foi suporte de eleição privilegiado para a representação até à utilização da tela. Utilizada inicialmente como mero elemento de composição para preenchimento do espaço da paisagem ou divisão espacial, como elemento simbólico e significante muitas vezes, a árvore fez o seu caminho na pintura até atingir a dimensão de sujeito na sua plenitude. A fotografia vai ter igualmente a sua ligação com este material e com este tema. As primeiras câmaras eram feitas de madeira e as fotografias ainda hoje são maioritariamente impressas em papel (primeiro nos papéis comuns na época utilizados para a escrita e o desenho e mais tarde, com o aparecimento das emulsões e da invenção da pasta de papel feita a partir da madeira, na segunda metade de oitocentos, em papéis modernos, semelhantes aos actuais). Para além das experiências com elementos vegetais, desde o início que a fotografia olhou para as árvores com resultados tão diversos quanto os seus autores. *Oak tree in winter*, de Fox Talbot (1800-1877), é um dos primeiros exemplos com a visão imponente de um carvalho despido na paisagem

lembrando-nos a marcha do tempo nos seus processos de evolução e regeneração e inexoravelmente, a morte. Em França, Le Gray (1820-1884) estuda atentamente as variações de folhagem e cambiantes lumínicas no caminho para *Fontainebleau* parando, numa ocasião, nas raízes aéreas de uma árvore com um olhar que já não pertencia à pintura mas integralmente à fotografia. A enumeração torna-se infindável podendo referir, a título de exemplo, a monumentalidade da árvore na paisagem americana em Carleton Watkins (1829-1916), muito ligada a um olhar para a história natural; a dicotomia entre uma natureza construída, presente nos jardins históricos franceses e uma natureza natural, ou o confronto entre a transitoriedade frágil do delicado desenho das árvores e a perenidade da arquitectura que encontramos em Atget (1857-1927); a poética das sombras e a elegância em Kertész (1894-1985); a macieira de Stieglitz (1864-1946); ou a compilação recente de Robert Adams (1937-) no livro *Tree Line* (por ocasião do prémio Hasselblad).

Neste conjunto de fotografias de José Reis, como o nome nos indica, encontramos uma atenção particular à presença da árvore quer na paisagem quer no meio urbano, em situações onde surgem de forma natural ou mais controladamente como no caso dos jardins: do desenho intrincado dos ramos construindo complexas geometrias orgânicas, ao encontro furtivo com uma nuvem, aos padrões de sombras e luz no espaço, à relação entre o natural e o artificial, o construído, o transitório e o perene, à luz que modela as formas e as torna visíveis.

Num determinado momento, José Reis confronta-nos com a artificialidade da fotografia enquanto representação: uma moldura vazia (re)corta a cena isolando um novo fragmento no campo visual. Imagem dentro da imagem, anuncia na transparência da moldura toda a opacidade da fotografia. Este tornar visível do processo de enquadramento põe em evidência que aquilo

que vemos são meros fragmentos da realidade e o seu sentido último é algo que nos escapa (como se a fotografia fosse uma moldura vazia à espera do espectador para a habitar e fazer imagem).

As árvores vêm do passado, crescem na vertical e morrem de pé. Talvez por isso, num outro momento, mais do que realçar a semelhança formal entre o tronco e a coluna de arquitectura, esta aparece inclinada, a caminho da queda, como que a lembrar-nos que depois de nós, as árvores permanecerão no seu silêncio e na sua solidão.

Para além do fotógrafo e de nós que as vemos, não aparece ninguém nestas fotografias; apenas um cão, ao longe, enquanto olhamos e somos olhados pelo interior de uma árvore caída que já não nos dará nenhuma sombra.

francisco feio, parede, outubro de 2013

Shore Acres State Park
Oregon, EUA, 2007





Pea Ridge National Military Park
Arkansas, EUA, 2013



Wasco County
Oregon, EUA, 2007

Bajada, Joshua Tree National Park
Califórnia, EUA, 2013





Marc Côté Stone Sculpture Garden, St.François
Île d'Orléans, Québec, Canada, 2008



Fjord du Sanguenay, L'Anse-Saint-Jean
Québec, Canada, 2008

Kushiro Shitsugen National Park, Kushiro
Hokkaido, Japão, 2009





Japanese Gardens, Portland
Oregon, EUA, 2011



Stanley Park, Vancouver
British Columbia, Canadá, 2010



Graceland Cemetery, Chicago
Illinois, EUA, 2011



University of Chicago Campus, Chicago
Illinois, EUA, 2011



James Cant Ranch
John Day Fossil Beds National Monument
Oregon, EUA, 2010



Crystal Springs, Bentonville, Arkansas, EUA, 2013



Kushiro Shitsugen National Park, Kushiro
Hokkaido, Japão, 2009

Grant Park, Chicago
Illinois, EUA, 2011



Crystal Springs, Bentonville
Arkansas, EUA, 2013





Pioneer Square, Seattle
Washington, EUA, 2010

Konpira Shrine, Kotohira Town
Kagawa Prefecture, Japão, 2007





Shore Acres State Park
Oregon, EUA, 2010



NW Marshall Street, Portland
Oregon, EUA, 2008



Ryan Mountain, Joshua Tree National Park
Califórnia, EUA, 2013

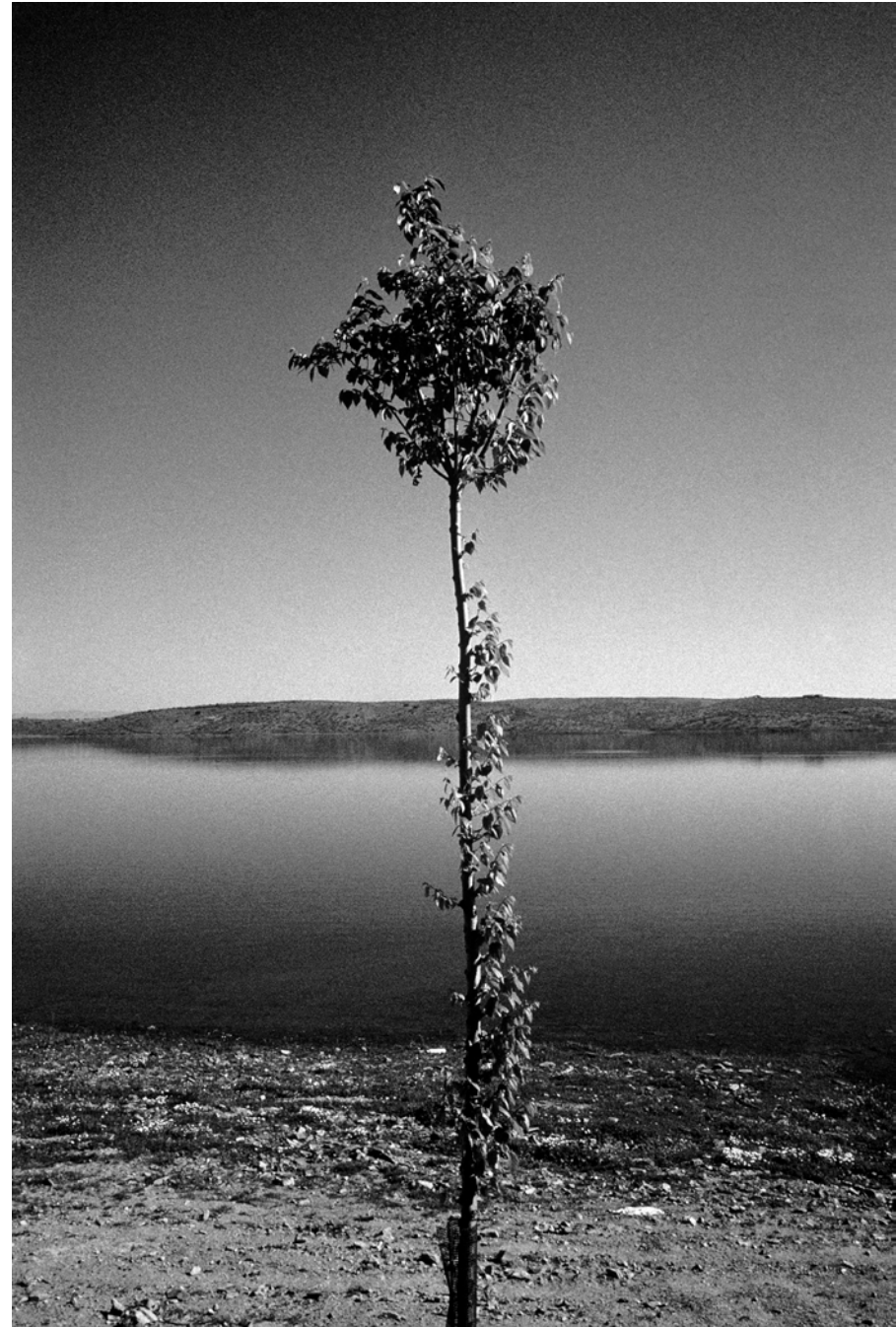


Guipúskoa, Euzkadi
Espanha, 2012



Ryan Mountain, Joshua Tree National Park
Califórnia, EUA, 2013

Embalse García de Sola, Herrera del Duque
Estremadura, Espanha, 2002



Bayocean Peninsula, Tillamook
Oregon, EUA, 2009



José Reis é um cidadão americano, nascido em Portugal e educado em Inglaterra. Reside em Portland, Oregon, EUA, com a sua esposa, Julie Nakao. Após uma carreira como fotojornalista nas décadas de 70 e 80, trabalhou, até Novembro de 2011, como engenheiro de garantia de qualidade de software, no Estado do Oregon. Desde que se reformou, dedica-se a projectos fotográficos pessoais.

Habilitações Académicas

- Bachelor of Social Science with Honors (Political Science), The University of Birmingham, Inglaterra, Julho de 1974.
- Diploma in Photography (Photojournalism), City of Birmingham Polytechnic, Inglaterra, Julho de 1971. (Curso completado com uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian)

Principais Exposições

- Jardins Japoneses, aAR|74 Galeria, Casa da Fotografia, Lisboa, 2012.
- Time Bytes - Instituto Português de Fotografia, Lisboa, 1999.
- Faces and Voices of Papua New Guinea - Michael Somare Library, UPNG, 1985.
- Fotografia Portoghese - Royal Palace, Caserta, 1982 (colectiva).
- Gente dos Têxteis, exposição itinerante em Portugal sob os auspícios do British Council, 1981-1982
- Fotografia - Galeria da ESBAL, Lisboa, 1981 (colectiva).
- People in Textiles - Industrial Museum, Bradford, 1980.
- 6 Fotógrafos - Galeria JN/Centro de Arte Contemporânea, Porto, 1979 (colectiva).
- Eléctricos, Galeria da ESBAL, Lisboa, 1978. (colectiva — trabalho subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian).
- 6 Fotógrafos - Galeria Grafil, Lisboa, 1978 (colectiva).
- How Democratic Is Your Liberal Democracy? - Birmingham Arts Lab., 1974.

Joe Reis is an American born in Portugal and educated in England. He resides in Portland, Oregon, USA, with his wife, Julie Nakao. After a career as a photojournalist in the 70's and 80's, he worked as a Software Quality Assurance Engineer in the Pacific Northwest, until his retirement in November 2011. Joe Reis is now immersed in personal photography projects.

Education

- *Bachelor of Social Science with Honors (Political Science), The University of Birmingham, England, July 1974.*
- *Diploma in Photography (Photojournalism), City of Birmingham Polytechnic, England, July 1971.*

Major Exhibitions

- *Japanese Gardens, aAR|74 Galeria, Casa da Fotografia, Lisbon, 2012.*
- *Time Bytes, Instituto Português de Fotografia, Lisbon, 1999.*
- *Faces and Voices of Papua New Guinea, Michael Somare Library, UPNG, 1985.*
- *Fotografia Portoghese, Royal Palace, Caserta, 1982. (collective)*
- *Gente dos Têxteis, British Council itinerant exhibition of People in Textiles, Portugal, 1981-1982.*
- *Fotografia, Galeria da ESBAL, Lisbon, 1981. (collective)*
- *People in Textiles, Industrial Museum, Bradford, 1980.*
- *6 Fotógrafos, Galeria JN/Centro de Arte Contemporânea, Oporto, 1979. (collective)*
- *Eléctricos, Galeria da ESBAL, Lisbon, 1978. (collective)*
- *6 Fotógrafos, Galeria Grafil, Lisbon, 1978. (collective)*
- *How Democratic Is Your Liberal Democracy?, Birmingham Arts Lab., 1974.*
- *How Democratic Is Your Liberal Democracy?, Photographers' Gallery, London, 1973.*
- *The Body Politic, Birmingham Post and Mail Building, 1971.*

- How Democratic Is Your Liberal Democracy? - Photographers' Gallery, Londres, 1973.
- The Body Politic - Birmingham Post and Mail Building, 1971.
- 20th Anniversary of the Universal Declaration of Human Rights - UNESCO/Photokina, Colónia, 1968 (colectiva).

Fotografias em Coleções Públicas

- Bibliothèque Nationale de Paris
- Bradford Art Galleries and Museums
- New Guinea Collection – University of Papua New Guinea
- Centro Português de Fotografia

Publicações (artigos de Imprensa e fotografias não listados)

- Brash, E., Reis, J., & Shimauchi, E. (1986). *Faces and Voices of Papua New Guinea – A National Family Album*. Bathurst, Austrália: Robert Brown & Associates
- Fugmann, G. (Ed.). (1986). *David Anam: His life and art*. (Fotografias de J. Reis). Minneapolis, E.U.A.: Augsburg Publishing House.
- Reis, J. (Ed.). (1982) - *Fotografia Portuguesa 1970/1980* - Lisboa, Portugal: Secretaria de Estado da Cultura.
- Reis, J. (1981) - *Gente dos Têxteis* - Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Reis, J. (1980) - *People in Textiles* - Bradford, Inglaterra: Bradford Art Galleries and Museums.

Referências Bibliográficas

- Reis, J. (2012). *Jardins Japoneses*. (eq Quarterly Vol. III nº1 Março 2012) Lisboa, Portugal: Equivalentes – Associação Cultural (http://eqquarterly.equivalentes.org/pdf/Quarterly_5_jardins_japoneses_web.pdf)

- *20th Anniversary of the Universal Declaration of Human Rights, UNESCO/Photokina, Cologne, 1968. (collective)*

Photographs in Public Collections

- *Bibliothèque Nationale de Paris*
- *Bradford Art Galleries and Museums*
- *New Guinea Collection – University of Papua New Guinea*
- *Centro Português de Fotografia*

Publications (Press articles and photographs not listed)

- *Brash, E., Reis, J., & Shimauchi, E. (1986). Faces and Voices of Papua New Guinea – A National Family Album. Bathurst, Australia: Robert Brown & Associates.*
- *Fugmann, G. (Ed.). (1986). David Anam: His life and art. (Photographs by J. Reis). Minneapolis: Augsburg Publishing House.*
- *Reis, J. (Ed.). (1982). Fotografia Portuguesa 1970–1980. Lisbon, Portugal: Secretaria de Estado da Cultura.*
- *Reis, J. (1981). Gente dos Têxteis. Lisbon, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.*
- *Reis, J. (1980). People in Textiles. Bradford, England: Bradford Art Galleries and Museums.*

References

- *Reis, J. (2012). Jardins Japoneses. (eq Quarterly Vol. III nº1 March 2012) Lisbon, Portugal: Equivalentes – Associação Cultural (http://eqquarterly.equivalentes.org/pdf/Quarterly_5_jardins_japoneses_web.pdf)*
- *Sena, A. (1998). História da Imagem Fotográfica em Portugal — 1839-1997. Oporto, Portugal: Porto Editora.*
- *Sena, A. (1991). Uma História de Fotografia. Lisbon, Portugal: Imprensa Nacional.*

- Sena, A. (1998) - História da Imagem Fotográfica em Portugal - 1839/1997 - Porto, Portugal: Porto Editora.
- Sena, A. (1991) - Uma História de Fotografia - Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional.
- Photographers Encyclopaedia International 1839/1984 - Hermance, Suíça: Editions Camera Obscura, 1985.
- Espaço T Magazine (nº 38, agosto 1983) - Lisboa, Portugal: Revelivro.
- Fotografia - Lisboa, Portugal: ARTEOPINIÃO, 1981.
- British Journal of Photography 1981 Annual - Londres, Inglaterra: Henry Greenwood & Co. Ltd., 1980.
- Colóquio Artes (nº 42, 1979) - Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Redbrick (October 17, 1973) - Birmingham, Inglaterra.
- Industrial and Commercial Photographer (April 1971) - Croydon, Inglaterra.
- The Photographer (March 1971) - Londres, Inglaterra.
- The Birmingham Post (February 2, 1971) - Birmingham, Inglaterra.
- Geifes, H. (Ed.). (1969).. Junge Photographie International, Die Menschenrechte – Colónia, Alemanha: UNESCO/Photokina/Verlag J.P. Bachem.
- *Photographers Encyclopaedia International 1839–1984. Hermance, Switzerland: Editions Camera Obscura, 1985.*
- *Espaço T Magazine (Nº 38, August 1983). Lisbon, Portugal: Revelivro.*
- *Fotografia. Lisbon, Portugal: ARTEOPINIÃO, 1981.*
- *British Journal of Photography 1981 Annual. London, England: Henry Greenwood & Co. Ltd., 1980.*
- *Colóquio Artes (Nº 42, 1979). Lisbon, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.*
- *Redbrick (October 17, 1973). Birmingham, England.*
- *Industrial and Commercial Photographer (April 1971). Croydon, England.*
- *The Photographer (March 1971). London, England.*
- *The Birmingham Post (February 2, 1971). Birmingham, England.*
- *Geifes, H. (Ed.). (1969). Junge Photographie International – Die Menschenrechte. Cologne, Germany: UNESCO/Photokina/Verlag J.P. Bachem.*

eq
Quarterly
vol.IV - nº3 | Outubro 2013

olhar para as árvores looking at trees

autor_ author | José (Joe) Reis

data_date | outubro_october 2013

edição_editing | José (Joe) Reis

editor e copyright | equivalentes_associação cultural

Av. Almirante Reis, 74 1B - 1150-020 Lisboa - Portugal - +351 960 412 567 - equivalentes@equivalentes.org

